

2

“Status quaestionis”

Como ponto de partida apresento as diferentes pesquisas e resultados mais relevantes aos quais chegaram os diversos exegetas principalmente no último século de pesquisa.

Três aspectos são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa desta obra: 1 - Os aspectos literários da parábola dos vinhateiros homicidas (Marcos 12,1-12; Mateus 21,33-46); 2 - A discussão do gênero literário de Isaías 5,1-7; 3 - Os pontos de conexão de Isaías 5,1-7 na parábola dos vinhateiros homicidas.

2.1

A crítica literária da parábola dos vinhateiros homicidas

De acordo com a tradição da crítica literária, a parábola dos vinhateiros homicidas foi apresentada como uma obra genuína da comunidade¹. A história, com seus pormenores tão significativos, apresenta-se não como uma narrativa original, mas uma construção artificial, efetivamente trabalhada nos seus contornos, porém com dados originais que podem ser percebidos, conseqüentemente, tornando-se uma alegoria² cristológica³.

¹ Cf., BARBAGLIO, G., *Os Evangelhos (I)*, 1990, p. 323. De acordo com Barbaglio, “na comunidade cristã primitiva, havia a tendência de prolongar o alcance das palavras do Senhor, precisando, acrescentando e ilustrando-as com textos bíblicos. É a lei própria de toda tradição viva. Exigia-o a situação da Igreja que olhava Jesus de Nazaré através da luz refletida pela ressurreição e vivia novas experiências de fé”.

² Cf., LUZ, U., *El Evangelio según san Mateo, Mt 18-25*, 2003, p. 293. Luz observa: “na antiguidade cristã não se ignorou por completo as características específicas da parábola (cf., Tertuliano, CSEL 20,235ss), na maior parte das vezes era identificada praticamente a parábola com alegoria. Os comentaristas têm interpretado os vinhateiros homicidas, em sentido alegórico, a luz da história da salvação desde Irineu (Haer. 4,36,2). Este tipo de interpretação alegórica é defendido, segundo Orígenes (17,6 = GCS Orig X, 591s), por Apolinar de Laodicéia, fr 110 = 37; Teodoro de Heraclea, fr 112 = 88; Jerônimo, 196; Beda, 94; Teofilacto, 380; Dionísio bar Salibi III,12; Eutímio Zigabeno, 561-563. Posteriormente, na reforma Zwinglio, 362; Calvino II, 198; Maldonado, 339; Lapide, 407, interpretarão os vinhateiros neste mesmo sentido alegórico”.

³ TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, 1974, p. 76.

O estudo moderno das parábolas⁴ parte da superação do conceito entre parábola e alegoria pela obra de Adolf Jülicher⁵, que criticou efetivamente as interpretações alegorizantes nos textos evangélicos e que devem ser analisadas numa perspectiva mais secundária. As parábolas para Jülicher não remetem a verdades universais, se não a situações concretas do ministério de Jesus.

A grande importância de Adolf Jülicher em sua obra *Die Gleichnisreden Jesu*, foi concentrar de maneira crítica, que a interpretação alegórica⁶ é exagerada e, que as parábolas de maneira alguma admitem esse procedimento. Ele exclui de modo enfático, qualquer possibilidade de interpretar as parábolas como alegorias. Para Jülicher e seus seguidores, trata-se de uma alegoria criada pela Igreja primitiva com o olhar posto na morte de Jesus, portanto, “Jülicher tem consciência da distância que existe entre Jesus e os evangelhos e, é fundamental compreender que os evangelhos entenderam as parábolas como um discurso obscuro e de difícil compreensão, que precisava ser interpretado”⁷.

⁴ C.f., THEISSEN, G. e MERZ, A., *O Jesus Histórico*, 2002, p. 344. “Com A. Jülicher começa a moderna pesquisa sobre as parábolas como rejeição da interpretação alegórica predominante até então, que via as parábolas, ponto por ponto, como decifração de mistérios teológicos. [...] Em Jesus, elas originalmente tinham como alvo um ponto de comparação (‘one-point-approach’), pelo qual se exprimia uma verdade universal”.

⁵ JÜLICHER, A., *Die Gleichnisreden Jesu*, 1910.

⁶ Cf., CARLSTON, C. E., *Parable and Allegory Reconsidered*, em *CBQ* 43 (1981), p. 235. Na análise que Carlston faz da obra de Hans-Josef Klauck, *Allegorie und Allegorese in synoptischen Gleichnistexten* (NTAbh ns 13; Munster: Aschendorf, 1978), pp. viii + 410, DM 110; e Hans Weder, *Die Gleichnisse Jesu als Metaphern* (FRLANT 120; Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1978), pp. 312, N.P. Carlston sintetiza a crítica que os autores fazem a A. Jülicher, que parece, segundo eles, cometer cinco erros essenciais: “(1) Jülicher entende alegoria como contendo correspondência de ‘point-by-point’ que ele imagina ser fundamentalmente diferente da correspondência ‘holistic’ na parábola; isto não responde adequadamente pelo modo que a mente trabalha usando fala metafórica, e não explica a proeminência de formas misturadas nas parábolas cristãs e judaicas. (2) Ele acredita que na alegoria o que importa são conceitos de fora do texto sem respeito para a história ou sua forma literária; mas a mesma raridade de linguagem parabólica ‘outside’ o qual nos permite reconhecer como contemplação da parábola e a inevitabilidade de intrusão, de forma que alegoria não pode ser distinguida da parábola nesta base. (O segredo em linguagem metafórica é achar raridades completamente aceitáveis!) (3) A alegoria é indiferente às estéticas do texto; mas isto só é parcialmente verdade. E, em todo caso, podemos confrontar legitimamente com a pergunta de Kierkegaard, ‘whether the aesthetic is the sole or most important category for conceiving of the Christlichen’ (Klauck, *Allegorie*, 358). (4) Ele mostra que a alegoria que está obscura deve ser decifrada. Isto é parcialmente verdade de alguns textos antigos (especialmente nos apocalípticos), mas não responde pelo uso ou proliferação de condições simbólicas extensamente entendidas que fizeram (e faz) a linguagem metafórica compreensível ao ouvinte. (5) Ele assume que as parábolas têm um *telos* ético simples. Mas, parábola e alegoria podem servir para iluminar uma ‘verdade’ conhecida; elas podem ser didáticas ou polêmicas; elas podem desafiar o mundo do ouvinte ou podem confirmá-lo; elas podem pedir os tipos mais variados de respostas; etc. Assim, não podem ser distinguidas parábolas da alegoria, e nem podem ser interpretadas em termos de um simples *telos*”.

⁷ Cf., GNILKA, J., *Jesus de Nazaré*, p. 86. De acordo com Gnilka, Jülicher apresenta uma regra prática para reconstrução da parábola: “Jülicher deixa-se dirigir por uma compreensão da parábola

Com Charles Harold Dodd⁸ e Joachim Jeremias⁹, é analisado com total perceptibilidade, justamente utilizando o conceito de parábola desenvolvido por Jülicher, que as circunstâncias visíveis do ministério de Jesus, as que remetem suas parábolas, são situações puramente criadas e instituídas por sua pregação escatológica. Tais situações são acompanhadas por sinais e gestos em que se materializam com total evidência teológica.

Partindo da linha interpretativa de Jülicher, Dodd e Jeremias se têm desenvolvido toda a explicação moderna das parábolas¹⁰, principalmente com Linne-
mann, Dupont, Eichholz, Lambrecht, etc. Nos últimos decênios, as críticas mais tradicionais abrangem efetivamente novos questionamentos. Na linha de Jülicher-Dodd-Jeremias se tem visto radicalmente questionada, inicialmente na Europa e em seguida, sobretudo nos Estados Unidos, novos caminhos para elucidar e interpretar, de maneira mais convincente, a constituição da linguagem parabólica.

Essa nova fase transparece de forma revolucionária e complexa, cuja característica mais evidente é a alteração total da exegese a partir das novas contribuições da lingüística, da retórica e da crítica literária. Nela segue algumas indicações que se remontam a E. Lohmeyer¹¹ e Ernst Fusch¹². Mostra um razoável empenho por reconduzir a fé cristã ao Jesus pré-pascoal, como possível opção ao kerygma da ressurreição. Em nome do conteúdo escatológico-cristológico da mensagem, Fuchs e tantos outros renomados exegetas, que decisivamente man-

que havia sido marcada por Aristóteles. Com isto a parábola de Jesus é classificada como um discurso argumentativo, ou como um elemento de prova. É claro que ela é considerada como uma forma de discurso que em si é clara, que pode ser entendida imediatamente. Com auxílio da parábola o fio do discurso é como que duplicado. Ao lado da coisa em si surge a imagem. A imagem, com que os ouvintes de bom grado concordam, é usada por Jesus com o fim de os estimular a concordarem também com a coisa, em relação à qual eles talvez tenham objeções. A parábola é uma prova que vai daquilo que é aceito para o semelhante que ainda não foi aceito. Sob a forma de imagem a verdade tem mais força de penetração do que sob forma abstrata. A parábola terá sido apreendida plenamente como prova quando houvermos encontrado o ponto de comparação que existe entre a imagem e a coisa. É neste orientar-se para o único ponto de comparação que consiste a clareza do discurso parabólico em relação à complexidade da alegoria”.

⁸ DODD, C. H., *The Parables of the Kingdom*, 1961.

⁹ JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, 1978.

¹⁰ GNILKA, J., *Jesus de Nazaré*, p. 88.

¹¹ LOHMEYER, E., *Das Gleichnis von den bösen Weingärtnern (Mark. 12,1-12)*, em ZST 18, 1941, pp. 247-248.

¹² FUCHS, E., *Was wird in der Exegese des Neuen Testaments interpretiert? In Zur Frage nach dem historischen Jesus. Gesammelte Aufsätze*, Tübingen, 1960, em THEISSEN, G. e MERZ, A., *O Jesus Histórico*, p. 346. “O autor Jesus está presente nas parábolas com sua autoridade (na forma de uma cristologia implícita). Ele faz suas palavras corresponderem à sua conduta. Os destinatários são de tal forma ‘modificados’ pelo evento lingüístico das parábolas que se abrem para a mensagem de Deus. Assim, as parábolas produzem nos próprios ouvintes as condições de seu entendimento (E. Fuchs)”.

têm-se fiéis a este planejamento, criticam a concepção lingüística de Jülicher sobre a parábola como forma dialógica argumentativa universal. Esses autores na realidade buscam uma compreensão alternativa, onde interpretam as parábolas a partir do evento-palavra, ou seja, evento lingüístico dinâmico, em que a forma lingüística desenvolva com o conteúdo salvífico um só corpo literário e a parábola passe a existir como linguagem característica do próprio Jesus.

Nas últimas décadas, em outro grupo de exegetas, principalmente como J. D. Crossan¹³, O. Via¹⁴, entre outros, a crítica à linha clássica Jülicher-Dodd-Jeremias desemboca em conclusões de definição e significado inteiramente diferentes. As parábolas são analisadas como obras literárias completas, que possuem um objeto estético autônomo. Assim, criticam precisamente as teses sobre o conteúdo escatológico-cristológico das parábolas, que as vincularia demasiado as situações históricas, fazendo delas incapazes de falar ao homem de hoje. Na parábola dos vinhateiros homicidas, essas linhas interpretativas são aludidas, conforme Crossan¹⁵ e B. B. Scott¹⁶, que discutiram a respeito da interpretação tardia da parábola, que se encontra nos evangelhos canônicos e até mesmo, de acordo com Crossan, ao contrário do significado alegórico “planejado” pela tradição¹⁷ canônica¹⁸.

Para o exegeta alemão W. Trilling¹⁹, os evangelhos sinóticos, especialmente Marcos e Mateus, possuem diferenças acentuadas quanto à parábola dos vinhateiros. Trilling observa que o desenvolvimento cristológico da redação dos vinhateiros em Marcos é alterado nitidamente pelo redator de Mateus. A tradição

¹³ CROSSAN, J. D., *The Parable of the Wicked Husbandmen*, em *JBL*, Vol. 90, nº 4, 1971, pp. 451-465.

¹⁴ VIA, D. O., *The Parables*, pp. 73-93.

¹⁵ CROSSAN, J. D., op. cit., pp. 451-465.

¹⁶ Cf., THEISSEN, G. e MERZ, A., *O Jesus Histórico*, p. 347. “O efeito original de uma parábola deve ser redescoberto por meio de uma descontextualização radical, ou seja, pela desconsideração do contexto dos evangelhos e da história interpretativa, assim como pela análise literária das estruturas e relações na obra de arte lingüística. Só então encontramos, de acordo com B. B. Scott, a estrutura reguladora (‘originating structure’) da parábola que está na base das atualizações (‘performances’) individuais. As possibilidades de reação oferecidas aos receptores nessas estruturas básicas podem então ser reconstruídas pela consideração do contexto cultural, de modo que haja no fim uma espécie de re-contextualização”. Bernard Brandon Scott também observa a tendência rabínica na composição da parábola.

¹⁷ Cf., HUBAUT, M., *La parabole des vigneronns homicides*, p. 11. De acordo com Hubaut, a crítica moderna: “às vezes pronunciou uma dúvida radical sobre a fidelidade desta tradição, suspeitada de ser mais criadora que preocupada em transmitir a mensagem de Jesus com todo teor primitivo”.

¹⁸ Cf. HESTER, J. D., *Socio-Rhetorical Criticism and the Parable of the Tenants*, em *JSNT* 45, 1992, p. 33.

¹⁹ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, pp. 90-91.

mateana valoriza o papel da comunidade, enquanto Igreja na sua relação com o judaísmo. Por isso é desenvolvida uma ampliação profundamente eclesiológica, que para Trilling corresponde bem melhor à instrução da parábola e, que suscita perfeitamente a idéia do *ἔθνος* de Deus, conforme o canto da vinha de Isaías 5,1-7. Desta forma, na percepção de Trilling, “Mateus não alegoriza a parábola no sentido de novas interpretações”, assim como entenderam Jeremias²⁰ e Lohmeyer²¹. Trilling pensa que a principal implicação, que pode ser percebido nos vinhateiros, não são necessariamente os traços alegóricos isolados, mas na importância da declaração essencial mateana da culpabilidade de Israel.

Numa perspectiva mais moderadora, U. Luz admite que se trata de uma parábola de Jesus que continha certos traços alegóricos com a possibilidade de que a parábola seja um produto da comunidade²².

U. Schnelle analisa que os elementos alegóricos dos vinhateiros, claramente predominantes em Mateus, derivam de Marcos e “os adota nos aspectos essenciais, mas abrevia um pouco o curso da ação, conferindo-lhe ao mesmo tempo maior vivacidade e arredondando a linguagem”²³. Por sua vez, R. J. Dillon pondera os vinhateiros avaliando principalmente o interesse em uma possível reconstrução da história do uso desta parábola na instrução e reflexão da Igreja mateana²⁴.

O debate suscitado por Jülicher se desenvolveu também em torno das circunstâncias sócio-históricas que pressupõe a parábola²⁵. E. Linnemann²⁶ na sua pesquisa, interpreta efetivamente a parábola dos vinhateiros homicidas, como um ataque na intenção assassina das autoridades e inevitavelmente condena os ouvintes por algum motivo específico.

Neste sentido afirmam de maneira categórica J. Newell e R.R. Newell²⁷ que os vinhateiros homicidas não é uma parábola cristológica, mas uma parábola que ataca os métodos do movimento Zelota do primeiro século. Em 1992 James

²⁰ JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, pp. 72-83.

²¹ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 91.

²² Cf., LUZ, U., *El Evangelio según san Mateo, Mt 18-25*, p. 291.

²³ SCHNELLE, U., *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, 2004, p.141. Para U. Schnelle esses elementos alegóricos “pertencem ao acervo original da tradição, embora tenha havido tentativas de reconstruir, com base no texto de Marcos, uma forma original da narrativa sem traços alegóricos e, assim, uma parábola de Jesus”.

²⁴ DILLON, R.J., *Towards a Tradition-History of the Parables of the True Israel (Matthew 21,33-22,14)*, em *Bib 47*, 1966, p. 5.

²⁵ LUZ, U., op. cit., pp. 291-292.

²⁶ LINNEMANN, E., *Jesus of the Parables*, p. 22.

²⁷ NEWELL, J. E., NEWELL, R. R., *The Parable of the Wicked Tenants*, p. 226.

D. Hester publicou um artigo sobre a parábola dos vinhateiros homicidas, onde argumenta sobre a importância do contexto histórico-social do primeiro século na Palestina. No artigo Hester corretamente cita Isaías 5 como uma chave interpretativa para entender a parábola dos vinhateiros²⁸.

Desde Martin Hengel, algumas pesquisas têm evidenciado que a condição árdua dos viticultores nos latifúndios poderia ser demonstrada de forma concreta conforme se percebe na parábola dos vinhateiros. Recorrendo a paralelos do mundo contemporâneo, essas pesquisas se esforçaram para comprovar que a parábola reconstruída constitui um acontecimento plausível que poderia ter acontecido de fato na Palestina.

No artigo de K.R. Snodgrass²⁹ é demonstrado que a parábola dos vinhateiros homicidas, na versão sinótica, está carregada de forte teor alegórico, simplesmente para enfatizar a importância de Jesus no processo histórico-salvífico. Ele a compara com o Evangelho de Tomé que é uma testemunha independente³⁰ e que contém uma redação mais simplificada, desta forma os sinóticos, particularmente Mateus e Marcos alegorizaram a parábola original³¹. É interessante observar que C. H. Dodd e J. Jeremias tinham chegado a esta conclusão antes do Evangelho de Tomé ter sido descoberto³². Martin Hengel³³ sugere que o Evangelho de Tomé tem uma tendência para “des-alegorizar”.³⁴

Recentemente, Craig A. Evans em seu artigo “Jesus parable of the tenants in light of lease agreements in antiquity”³⁵, caracterizou a parábola dos vinhateiros homicidas como parte de uma confrontação entre Jesus e as auto-

²⁸ Cf., HESTER, J. D., *Socio-Rhetorical Criticism and the Parable of the Tenants*, p. 27. Hester supõe que uma determinada unidade retórica traz respostas de interpretação diferentes que dependem da audiência que interage, seja histórico e sociológico, como também fatores literários.

²⁹ Cf., SNODGRASS, K.R., *The Parable of the Wicked Husbandmen. Is the Gospel of Thomas Version the Original?*, em *NTS* 21, 1975. p. 142.

³⁰ Cf., HESTER, J. D., op. cit., p. 32. “A versão da parábola dos vinhateiros homicidas no *Evangelho de Tomé* não tem qualquer insinuação a Isaías 5,1-7”.

³¹ JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, pp. 68-91; MONTCFIORE, H., *A Comparison of the Parables of the Gospel According to Thomas and of the Synoptic*, em *NTS*, p. 236; CROSSAN, J. D., *The Parable of the Wicked Husbandmen*, p. 451; e NEWELL, J. E. e NEWELL R.R., *The Parable of the Wicked Tenants*, p. 226.

³² DODD, C. H., *The Parables of the Kingdom*, pp. 126-30; e JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 74.

³³ Cf. SNODGRASS, K.R., *The Parable of the Wicked Husbandmen. Is the Gospel of Thomas Version the Original?* p. 143.

³⁴ *Ibid.*, Wolfgang Schrage demonstrou através das versões cópticas que o Evangelho de Tomé é dependente da tradição canônica.

³⁵ EVANS, C. A., *‘Jesus’ Parable of the Tenants in Light of Lease Agreements in Antiquity*, em *JSP* 14, 1996, pp. 65-66.

ridades do Templo, uma grave acusação à liderança do Templo. J. Drury³⁶, entretanto analisa a parábola por uma outra perspectiva, argumentando que, os autores do evangelho usaram as parábolas para atender simplesmente as necessidades narrativas.

A confrontação da comunidade mateana com o judaísmo indica de maneira efetiva, que a versão de Mateus dos vinhateiros homicidas representa um uso mais antigo da tradição na Igreja. Para Léon-Dufour os vinhateiros contem alusões claras a eventos do contexto do próprio Jesus e também da comunidade mateana, que representa perfeitamente essa geração pós-pascal.

A narrativa possui uma linguagem relativamente próxima da comunidade primitiva, que inevitavelmente deixou transparecer nos lábios de Jesus uma alegoria tão intensa, afirma Léon-Dufour³⁷. A parábola permanece, como estava no nível mais antigo da tradição sinótica, uma aplicação da alegoria da vinha de Yahweh em Isaías 5,1-7³⁸. Para M. Hubaut “é duvidoso que o sentido literal de Isaías 5,1-7 determine obrigatoriamente a interpretação cristã da parábola”.³⁹

De maneira conclusiva, podemos entender que a versão sinótica dos vinhateiros apresenta a parábola como sendo originária de Jesus. Contudo, a leitura cuidadosa comprova que não pode ter sido pronunciada por Jesus na sua totalidade. É possível que tenha sido uma criação da comunidade mateana, que diante de certas dificuldades desenvolve certas adaptações estilísticas na parábola original. Portanto, a parábola dos vinhateiros homicidas, é possivelmente uma versão alterada, modificada propositalmente pela comunidade cristã; isso se dá principalmente na versão de Mateus, que intensamente ratificou suas características eclesiológicas diante da confrontação da Igreja com o judaísmo.

Assim sendo, podemos concluir que de fato estamos diante de uma parábola originalmente proveniente do próprio Jesus, mas que foi efetivamente modificada pelo redator mateano, com o propósito de dá importância à declaração fundamental da responsabilidade de Israel, que para ele é determinante para sua pro-

³⁶ DRURY, J., *Parables in the Gospels*, 1985.

³⁷ Cf., LEON-DUFOUR, S. J. X., *Études D'Évangile*, 1962, p. 309.

³⁸ Cf., DILLON, R.J., *Towards a Tradition-History of the Parables of the True Israel (Matthew 21,33-22,14)*, p.18.

³⁹ Cf., HUBAUT, M., *La parabole des vigneronns homicides*, p. 16. “Por outro lado, admita-se certa independência das perícopes em relação ao quadro redacional no qual são situadas, pensa-se que um cristão dos anos 80 deve ser sensível, sobretudo a polêmica contra o judaísmo como um todo, e provavelmente faz uma diferenciação entre o povo e seus chefes”.

posta de apresentar a culpabilidade da liderança de Israel, que se dá pela sua incapacidade de produzir devidamente seus frutos.

2.2

O gênero literário de Isaías 5,1-7

Faz-se necessário verificar o gênero literário de Isaías 5,1-7 para podermos definir com mais precisão a possível utilização do mesmo pelo redator da parábola dos vinhateiros em Mt 21,33-46 e, somente a partir desses dados, veremos então os pontos de conexão entre Isaías 5,1-7 e Mateus 21,33-46.

Para uma discussão do gênero literário de Isaías 5,1-7, os exegetas não são uníssomos em suas conclusões. Durante um século de pesquisa, produziram-se várias teorias sobre o gênero de Isaías 5,1-7⁴⁰. As diferentes propostas discutidas foram na sua maioria sobre a definição de um gênero que melhor caracterizasse esse estilo literário.

J.T. Willis lista diferentes tipos de soluções⁴¹ para o gênero literário de Isaías 5,1-7, com fortes argumentos contra as várias interpretações, tais como: (1) uma polêmica satírica contra cultos de fertilidade palestinos; (2) um cântico do profeta; (3) um cântico do profeta que expressa condolência pelo seu amigo, que é Deus; (4) um cântico do amor de uma noiva; (5) um cântico do amigo do noivo; (6) um processo ou acusação; (7) uma fábula, e (8) uma alegoria. A proposta de Willis é classificar o tipo literário desta perícopa como uma parábola, e descrever seus conteúdos como uma canção parabólica de um vinhateiro desapontado. Assim ele define o gênero literário após uma discussão das propostas listadas. Porém, houve diversas críticas à solução apresentada por Willis. Como a de G.A. Yee, que em seu artigo discute a posição de Willis.

Para Yee, o texto de Isa 5,1-7 possui duas formas literárias: uma canção e uma parábola jurídica; ambos têm semelhanças “formais e funcionais”. Ele sugere que o cântico da vinha seja estudado levando em conta os aspectos formais de uma canção do AT, principalmente Deuteronômio 32 que contém um processo⁴². “Dentro da estrutura global de um cântico o elemento parabólico opera com a finalidade de provocar nos próprios ouvintes um julgamento”. Desta forma Yee

⁴⁰ Cf., WILLIS, J.T., *The Genre of Isaiah 5, 1-7*, em *JBL* 96, 1977, p. 337. Willis mostra em seu artigo as várias posições que foram propostas sobre este assunto, ele avalia os argumentos em defesa de cada posição, defende uma visão que pareça mais natural de acordo com o assunto, e faz algumas observações gerais com respeito a problemas metodológicos determinando o gênero literário desta perícopa.

⁴¹ Cf., WILLIS, J.T., op. cit., 1977, pp. 337-362.

⁴² YEE, G.A., *A Form-Critical Study of Isaiah 5,1-7 as a Song and a Juridical Parable*, em *CBQ* 43, 1981, p. 31.

percebe no cântico da vinha de Isaías 5,1-7 um aspecto funcional com objetivo de condenar sua audiência⁴³, ou seja, tratar-se-ia de uma parábola jurídica.

U. Simon⁴⁴ define perfeitamente esse gênero proposto por Yee e mostra que “a característica principal de uma parábola jurídica é assim seu chamariz intencional que provoca o ouvinte para se autocondenar”. Para fundamentar sua hipótese, Simon lista cinco exemplos no Antigo Testamento de parábolas jurídicas: 2 Sm 12,1-14⁴⁵; 14,1-20⁴⁶; 1 Rs 20,35-43⁴⁷; Jr 3,1-5⁴⁸ e finalmente Is 5,1-7.

Assim também A. Graffy⁴⁹, G.T. Sheppard⁵⁰, C.A. Evans⁵¹ e W. J. C. Weren⁵² e tantos outros exegetas propõem que o estilo literário de Isaías 5,1-7 pertença ao gênero de uma autêntica parábola jurídica.

Portanto, a solução apresentada para o gênero literário de Isaías 5,1-7 como parábola jurídica parece melhor corresponder ao aspecto literário dessa perícope. Percebemos que no verso 3 o cântico é transformado em uma queixa e contém uma solicitação ao público “moradores de Jerusalém e homens de Judá” para atuarem como verdadeiros juízes entre o dono da vinha e a sua vinha. A dinâmica do texto mostra que os judeus são induzidos a acreditar, através da parábola apresentada, que a vinha é Israel, contudo, se percebe que Judá é de fato o legítimo transgressor. O propósito desta manobra legal é levar os ouvintes a sua própria condenação, onde é demonstrado que o acusado não produziu os frutos esperados (v.7), frustrando assim as expectativas do dono da vinha; apesar de todo investimento (v.2), porém a condenação é inevitável (v.5-6).

⁴³ YEE, G.A., *A Form-Critical Study of Isaiah 5,1-7 as a Song and a Juridical Parable*, p. 40. Essa é a conclusão que chega Yee.

⁴⁴ SIMON, U., *The Poor Man's Ewe -Lamb: An Example of a Juridical Parable*, em *Bib* 48, 1967, p. 220.

⁴⁵ A parábola de Natã que tem como objetivo repreender Davi, que faz sua própria acusação.

⁴⁶ Joab negocia a volta de Absalão. Como fizera Natã (12,1s), Joab, simulando um caso de justiça, levou o rei a pronunciar-se.

⁴⁷ Um profeta condena a atitude do rei Acab.

⁴⁸ Poema sobre conversão.

⁴⁹ GRAFFY, A., *The Literary Genre of Isaiah 5,1-7*, em *Biblica* 60, 1979, p. 400.

⁵⁰ SHEPPARD, G.T., *More on Isaiah 5,1-7 as a Juridical Parable*, em *CBQ* 44, 1982, p. 45.

⁵¹ EVANS, C.A., *On the Vineyard Parables of Isaiah 5 and Mark, 12*, em *BZ* 28, 1984, p. 82.

⁵² WEREN W. J. C. *The Use of Isaiah 5,1-7 in the Parable of the Tenants (Mark 12,1-12; Matthew 21,33-46)*, em *Biblica* 79, 1998, p. 3.

2.3

Os pontos de conexão de Isaías 5, 1-7 nos vinhateiros homicidas

Percebemos vários pontos distintos na conexão de Isaías 5,1-7 que farão ressonância com a parábola dos vinhateiros homicidas (Marcos 12,1-12 // Mateus 21,33-46). Esses pontos de conexão nos ajudarão a entender toda nuance literária do redator dos vinhateiros homicidas em Mateus 21,33-46. Avaliaremos tanto no texto hebraico como também na versão da Septuaginta.

J. S. Kloppenborg em seu artigo⁵³, analisa de maneira criteriosa se a parábola dos vinhateiros homicidas foi formulada com o texto hebraico de Isaías 5,1-7 e se de fato deriva do Jesus histórico, ou se usou a Septuaginta e se trata de uma criação cristã tardia colocada nos lábios de Jesus. Ele argumenta que a parábola dos vinhateiros, na versão sinótica de Marcos e Mateus, concorda com a Septuaginta, mas nunca com o texto Massorético. Kloppenborg conclui afirmando que o Jesus histórico falou principalmente em aramaico ou hebraico e se a parábola dos vinhateiros homicidas for autêntica, parece duvidoso que a parábola original faça uma insinuação explícita a Isaías 5, sendo assim, as alusões que aparecem no texto de Marcos são da versão grega⁵⁴.

A combinação dos vocábulos da Septuaginta que aparece em Marcos 12,1 e a falta dos mesmos no Texto hebraico fazem a conclusão de Kloppenborg altamente interessante, isto é, que Marcos depende tão somente da Septuaginta. No entanto, Wim J.C. Weren⁵⁵ em seu artigo defende que a parábola não só foi influenciada pela Septuaginta, mas também pelo Texto hebraico. As conexões com Isaías 5,1-7, não são somente o resultado de um desenvolvimento posterior. Este seria o caso se fosse só a Septuaginta que teria deixado rastros na parábola dos vinhateiros⁵⁶. Marcos compartilha com o Texto hebraico nas referências a Isaías e que já faziam parte da tradição e provavelmente já formou parte da parábola

⁵³ KLOPPENBORG, J. S., *Egyptian Viticultural Practices and the Citation of Isa 5:1-7 in Mark 12:1-9*, em *NovT* 44, no. 1, 2002, pp. 35-36.

⁵⁴ EVANS, C. A., *How Septuagintal Is Isa. 5:1-7 In Mark 12:1-9?*, em *NovT* 45, 2003, p. 106. Averiguando o caráter semítico dos elementos tirados de Isaías 5,1-7, Evans verifica que necessariamente não provam a sua originalidade na parábola dos vinhateiros, nem necessariamente provam que a parábola deriva do próprio Jesus. Afinal de contas, afirma Evans, os primeiros cristãos judeus falavam o aramaico que da mesma maneira embelezaram a parábola com elementos semíticos como os judeus de fala grega um pouco depois ou os cristãos não judeus que poderiam ter embelezado a parábola com palavras e frases da Septuaginta.

⁵⁵ WEREN W. J. C. *The Use of Isaiah 5,1-7 in the Parable of the Tenants (Mark 12,1-12; Matthew 21,33-46)*, p. 26.

quando foi falado pelo próprio Jesus. Assim também pensa Snodgrass⁵⁷, que defende uma posição mais intermediária. Ele sugere que há alguns pontos em concordância com o Texto hebraico que estão ausentes na Septuaginta.

O primeiro ponto de conexão de Isaías 5,1-7 está precisamente no v. 2, que influenciará a parábola dos vinhateiros homicidas (Marcos 12,1 // Mateus 21,33).

C. A. Evans⁵⁸ analisa os elementos de Isaías 5,1-7 que influenciam os vinhateiros. Há exegetas⁵⁹ que percebem essa influência como sendo puramente da versão da Septuaginta e, que nesses elementos não há qualquer relação com o Texto hebraico. Evans, contudo verifica, de fato, uma influência da Septuaginta; porém para ele há uma forte relação também com o Texto massorético, ou seja, elementos que não provém da Septuaginta. Além disso, Evans vê pontos importantes de coerência com tradições de textos interpretativos judaicos, como o Targum de Jônatas e pontos que foram preservados em 4Q500. Sabemos que o Texto hebraico forma o ponto de partida de um processo longo de interpretação. Dentro desse processo a versão da Septuaginta representa um momento relativamente independente. Nela acondicionam-se elementos do Texto hebraico que é copiado, mas vários outros são alterados. Assim, em Mateus, poderemos perceber essa possível alteração que o redator fez.

Evans mostra em seu artigo uma análise desses vocábulos gregos em Marcos 12,1 // Mateus 21,33 e percebe que os verbos ἐφύτευσεν⁶⁰ “plantou”, ὠρυξεν⁶¹

⁵⁶ WEREN W. J. C. *The Use of Isaiah 5,1-7 in the Parable of the Tenants*, p. 26.

⁵⁷ SNODGRASS, *The Parable of the Wicked Tenants, Is the Gospel of Thomas Version the Original?* p. 47.

⁵⁸ EVANS, C. A., *How Septuagintal Is Isa. 5:1-7 In Mark 12:1-9?*, p. 107.

⁵⁹ Entre esses exegetas, Evans critica a análise que J. S. Kloppenborg faz sobre essa temática. Para Kloppenborg a influência de Isaías 5,2 é puramente da versão da Septuaginta. Cf., op. cit., pp. 107-108.

⁶⁰ Cf., Low-Nida, “φυτεύω” in *Greek-English lexicon of the New Testament*, Bible Work 6.0:

“φυτεύω: plantar, usado principalmente em relação: as videiras, arbustos e árvores”.

⁶¹ Cf., Friberg, “ὠρυξά” in *Analytical greek lexicon*, Bible Work 6.0: ὀρύσσω 1aor. ὠρυξα; fazer um buraco na escavação do chão, ou na rocha. Low-Nida, “ὀρύσσω” in *Greek-English lexicon of the New Testament*, Bible Work 6.0: ὀρύσσω; σκάπτωα fazer um buraco no chão e remover a terra com instrumentos precisos e bem afiados (por exemplo, um picareta ou pá) – “cavar, escavar”; “ὀρύσσω: ἐφύτευσεν ἀμπελῶνα ... καὶ ὠρυξεν ἐν αὐτῷ ληνόν” “plantou uma vinha [...] e, cavou nela um lagar” Mt 21,33. σκάπτω: “ἔσκαψεν καὶ ἐβάθυνεν καὶ ἔθηκεν θεμέλιον ἐπὶ τὴν πέτραν”: “e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre a rocha”, Lc 6, 48.

“cavou”, e ὠκοδόμησεν⁶² “construiu” concordam respectivamente com o hebraico na terceira pessoa do singular do verbos עָצַב “plantar”, פָּצַח “cavar” e בָּנָה “construir”. Para J. S. Kloppenborg esses verbos tirados de Isaías 5,2 são totalmente irrelevantes ao enredo dos vinhateiros, tratam-se de meros detalhes. “Que o dono plantou (ἐφύτευσεν) uma vinha construiu (ὠκοδόμησεν) uma torre, não tem nenhum valor real no enredo ou no resultado na história dos vinhateiros”, conclui Kloppenborg⁶³. Em parte, diríamos que Kloppenborg tem razão, mas se observarmos a redação dos vinhateiros, no que tange a sua aplicação na forma jurídica paradigmática, o redator desejou ambientar a parábola levando em consideração o enredo original do cântico da vinha. Ele cria um ambiente favorável a sua audiência, que entenderia perfeitamente o propósito da parábola. Aliás, ele usa Marcos como a única fonte da sua perícopie e desenvolve outros elementos que lhes serão importantes. As modificações que Mateus fez no texto de Marcos se podem entender facilmente como características estilísticas e adaptação à Septuaginta. O uso de Isaías 5,1-7 é em parte determinado pelos elementos que já estavam disponíveis na fonte (versão de Marcos). Portanto, percebemos a importância que os verbos עָצַב “plantar”, פָּצַח “cavar” e בָּנָה “construir” terão em ressonância com os verbos ἐφύτευσεν “plantou”, ὠρυξεν “cercou”, e ὠκοδόμησεν “construiu” na redação de Mateus.

Além dos verbos correlacionados, a questão principal que aparece na introdução dos vinhateiros é a suposta adição de φραγμὸν περιέθηκεν “(uma) cerca colocou em volta”, de acordo com Isaías 5,2 na versão da Septuaginta que aparece φραγμὸν περιέθηκα⁶⁴. Mateus e Marcos, ausentes em Lucas e o evangelho de Tomé, inserem depois da plantação da vinha: φραγμὸν περιέθηκεν -

⁶²Cf., Thayer “οἰκοδομέω” in *Thayer’s greek lexicon*, Bible Work 6.0: οἰκοδομῶ: 1 aorist ὠκοδόμησα (ὀικοδόμησα Tr WH in Acts 7:47; see Tdf. at the passage; Proleg., p. 120; WH’s Appendix, p. 161; Lob. ad Phryn., p. 153; Winer’s Grammar, sec. 12, 4; Buttmann, 34 (30)); from Herodotus down; the Septuagint for בָּנָה; *to build a house. erect a building*; a. properly, a. *to build* (up from the foundation): absolutely, Luke 11:48 G T WH Tr text 14:30; 17:28; οἱ οἰκοδομοῦντες, a substantive, *the builders* (cf. Winer’s Grammar, sec. 45,7; Buttmann, sec. 144,11), Matt. 21:42; Mark 12:10; Luke 20:17. Low-Nida, “οἰκοδομέω” in *Greek-English lexicon of the New Testament*, Bible Work 6.0: οἰκοδομέω: fazer ou erguer qualquer construção, “construir”.

⁶³ KLOPPENBORG, J. S., *Egyptian Viticultural Practices and the Citation of Isa 5:1-7 in Mark 12:1-9*, p. 60.

⁶⁴ Portanto, Mateus apresenta “ἐφύτευσεν ἀμπελῶνα καὶ φραγμὸν αὐτῷ περιέθηκεν καὶ ὠρυξεν ἐν αὐτῷ ληνὸν καὶ ὠκοδόμησεν πύργον” como acomodações (φραγμὸν περιέθηκεν) com a versão da Septuaginta (φραγμὸν περιέθηκα).

“(uma) cerca colocou em volta”, que está faltando no Texto massorético. “Estes detalhes são imateriais ao resto da história”, afirma J. A. T. Robinson⁶⁵.

A insinuação precisa de Isaías 5,2 na parábola dos vinhateiros: ἐφύτευσεν ἀμπελῶνα καὶ φραγμὸν αὐτῷ περιέθηκεν καὶ ὄρυξεν ἐν αὐτῷ ληνὸν καὶ ὠκοδόμησεν πύργον, era considerado pela maioria dos exegetas como parte certa da versão da Septuaginta e portanto indubitavelmente secundário na formulação dos vinhateiros homicidas.

A parábola começa por uma citação, implícita, mas nítida do “canto da vinha” de Isaías (v. 2). De acordo com J. D. Crossan⁶⁶ a estrutura literária da vinha na parábola dos vinhateiros está evidentemente baseada em Isaías 5,1-7. O mesmo pensa G. V. Jones⁶⁷, que considera as insinuações de Isaías e o tema de castigo como original na parábola dos vinhateiros. Para M. Hubaut “[...] a citação de Isaías 5,1-7 é útil para evocar os temas que surgem nos vinhateiros, mas é duvidoso que o sentido literal de Isaías, 1-7 determine obrigatoriamente a interpretação cristã da parábola”⁶⁸.

O segundo ponto de conexão é que em Mateus foi preservada a natureza jurídica da parábola conforme encontramos em Isaías 5,1-7.

W. J. C. Weren⁶⁹ percebe isso a partir da pergunta de Jesus para seus ouvintes no verso 40b τί ποιήσει τοῖς γεωργοῖς ἐκείνοις; e a resposta κακοὺς κακῶς ἀπολέσει αὐτοὺς (41) em um tom profético, de acordo com W. Trilling⁷⁰. Os ouvintes interpretam a parábola como uma história que reflete o próprio conflito deles com Jesus⁷¹.

Esse conflito pode ser percebido com toda clareza na repreensão em Mateus 21,43, onde é verificado o uso do verbo ποιέω: καὶ δοθήσεται ἔθναι ποιοῦντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς. “e será dado a um povo que dê (produza) os seus frutos”. É o re-

⁶⁵ ROBINSON, J.A.T., *The Parable of the Wicked Husbandmen: A Test of Synoptic Relationships*, em *NTS* 21, 1974-75, p. 445.

⁶⁶ CROSSAN, J. D., *The Parable of the Wicked Husbandmen*, p. 452.

⁶⁷ JONES, G. V. *The Art and Truth of the Parables*, p. 91.

⁶⁸ Cf., HUBAUT, M., *La parabole des vigneronns homicides*, p. 16.

⁶⁹ WEREN W. J. C. *The Use of Isaiah 5,1-7 in the Parable of the Tenants (Mark 12,1-12; Matthew 21,33-46)*, p. 13.

⁷⁰ TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 78.

⁷¹ WEREN W. J. C. op. cit., p. 13.

sultado da ressonância com a reclamação do dono da vinha em Isaías 5,2.4⁷², que aparece com frequência o verbo עָשָׂה (produzir), duas vezes na parte final do verso 2: וַיִּקֶּן לַעֲשׂוֹת עֲנָבִים וַיַּעַשׂ בְּאֲשֵׁים “e esperava que desse (produzisse) uvas boas, porém deu (produziu) uvas bravas”.

O redator valoriza ainda mais o verbo עָשָׂה, que aparece, mais duas vezes, no final do v. 4: מִדְּוַע קָוִיתִי לַעֲשׂוֹת עֲנָבִים וַיַּעַשׂ בְּאֲשֵׁים “Por que, esperando eu que desse (produzisse) uvas boas, veio a dar (produzir) uvas bravas?”

Portanto, a solução apresentada mostra que o redator mateano compartilha com o Texto hebraico nas referências a Isaías e que talvez já faziam parte da tradição e provavelmente já se desenvolveu parte da parábola quando foi percorrida pelo próprio Jesus. Assim concluímos que há pontos em acedência com o Texto hebraico que estão ausentes na Septuaginta. Mas, há referências claras à versão da Septuaginta, como na combinação dos vocábulos gregos que aparecem em Marcos 12,1 // Mateus 21,33 e a falta dos mesmos no Texto hebraico de Isaías 5,2, que não podem ser desconsiderados. Portanto, entendemos que nos vinhateiros há fortes conexões com Isaías no Texto hebraico como também na versão da Septuaginta. Tanto na introdução de Isaías 5,2 repercutindo com Mateus 21,33, no uso dos vocábulos; como também na natureza jurídica de Isaías 5,1-7 refletida em Mateus 21,33-46.

⁷² Em Isaías, a imagem da vinha recorre a Israel (Isaías 5,7), ou mais precisamente, para a população de Judá e os habitantes de Jerusalém (Isaías 5,3). Em Mateus, esta imagem é mais difícil de decodificar. Se nós justapomos Mt 21,41 (καὶ τὸν ἀμπελῶνα ἐκδώσεται ἄλλοις γεωργοῖς) e 21,43 (ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ καὶ δοθήσεται ἔθναι ποιοῦντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς), a conclusão emerge que a vinha representa o reino de Deus, mas o resto de 21,43 δοθήσεται ἔθναι fala de um ἔθνος que produza frutos. Faz uma conexão íntima assim entre ἔθνος e a vinha da parábola.

2.4 Hipótese de Pesquisa

A partir dos resultados dos estudos dos exegetas, verificamos que a questão que nos dispomos a estudar não é tão simples assim, pois as interpretações nem sempre assinalam para um mesmo fim. Ao indicar a hipótese de nossa investigação, parece oportuno posicionar-nos diante da contribuição dos diversos exegetas e, indicando o caminho que pretendemos esclarecer no transcorrer de nossa dissertação.

A partir dessas considerações, e da variedade de resultados elencados no status quaestionis, que tematizam a questão da intertextualidade de Isaías 5,1-7 na parábola dos vinhateiros homicidas em Mateus 21,33-46 (// Marcos 12,1-12), podemos apresentar com clareza a hipótese de nosso trabalho, dividindo-a em 3 partes:

a) Há de fato pontos de contato entre Isaías e em Mateus 21,33-46? Se há, como esses pontos foram trabalhados pelo redator do evangelho de Mateus? Conseqüentemente investigaremos se essas possíveis ressonâncias seriam resultados de sua compilação somente ou tratar-se-iam de mudanças introduzidas pelo redator?

b) A repreensão em Mateus 21,43 que o rendimento esperado não se concretizou, tem ligações com a reclamação do dono da vinha em Isaías 5,2.4? A essência jurídica de Isaías 5,1-7 com a denúncia apontada para **בֵּית יִשְׂרָאֵל**, é possível que agora seja direcionada aos oponentes de Jesus, em Mateus 21,33-46? Esta oposição em Mateus é encabeçada pelos chefes dos sacerdotes e os fariseus, que não atendiam ao ideal moral formulados em 21,43 “**ποιοῦντι τοὺς καρποὺς**”, e conseqüentemente a culpabilidade de Israel e a perda da **βασιλεία** em conexão com a perspectiva do **ἔθνος** de Mateus 21, 43 refletiria, possivelmente, o v.7 de Isaías 5?

c) A intuição fundamental da nossa hipótese consiste em procurar demonstrar que em Mateus foi preservada a natureza jurídica paradigmática da parábola, conforme encontramos em Isaías 5,1-7 a partir das ressonâncias presentes na parábola dos vinhateiros homicidas de Mateus 21,33-46.

A hipótese retrata, por conseguinte, o título desta dissertação: A parábola dos vinhateiros homicidas de Mateus 21,33-46 à luz das ressonâncias de Isaías 5,1-7.